

Japão traz novo alento para a negociação da dívida

O ministro Luiz Carlos Bresser Pereira teve na semana passada pelo menos um bom motivo para exibir seu largo sorriso. Do Japão chegaram notícias de que o ministro das Finanças, Kiichi Miyazawa, não só fizera um comentário favorável à idéia brasileira da conversão da dívida em bônus, como também admitira a possibilidade de assumir uma posição mais ativa e mais condizente com seu poderio financeiro na negociação do problema da dívida externa.

Contente, Bresser Pereira ligou pessoalmente para algumas pessoas para comentar a notícia e despachou para vários gabinetes alguns recortes de jornais. Nos Estados Unidos, no entanto, os meios financeiros reagiram com ceticismo diante da possibilidade do Japão sair do seu tradicional papel de coadjuvante na condução política dos impasses internacionais.

“Somos cautelosos”, avisou no Rio de Janeiro o japonês Koichiro Kitade, diretor-financeiro do Citibank em Tóquio. Acrescentou no entanto que o “tempo está passando e uma solução conjunta está demorando”. Em um seminário no Rio, Kitade exibiu cifras tão astronômicas que fica fácil compreender porque o Japão aparece como uma solução para o Brasil e para o resto dos países endividados: o mercado de títulos públicos japonês, os JGBs, movimentam 1 trilhão de dólares. E é até pequeno perto do volume do que é escoado para o mercado de seguros: US\$ 7 trilhões. “O Japão tem um papel poderoso na contribuição financeira”, informa Kitade. Disto ninguém duvida.

Reportagem de Silvio Ferraz (Washington), Miriam Leitão, Darci Higobassi, Ricardo Pedreira e Fátima Turci

Fotos de Carlos Carvalho/Angular



Carlos Guimarães



Koichiro Kitade